



O REFÚGIO PRAZEROSO DO EUROPEU: UM ESTUDO DE CASO EM NATAL-RN

Maria Stella Galvão Santos ¹

Natal é uma capital litorânea com potencial turístico superlativo e imagem consolidada junto a vários mercados internacionais, notadamente europeus. Ao despontar como um dos principais pólos turísticos internacionais no Brasil, Natal também passou a fazer parte da rota mundial do sexo-turismo, inserindo-se na emergência do chamado “turismo sexual” entre as capitais do Nordeste do Brasil, cuja quantidade exata é difícil contabilizar em função da expansão incessante e em larga escala. A capital potiguar está em 11ª posição no ranking dos destinos brasileiros mais procurados pelos estrangeiros e a segunda do Nordeste (superada apenas por Fortaleza), conforme os dados do Estudo da Demanda Turística Internacional no período 2004-2008, formulado por um órgão público federal, a Secretaria Nacional de Políticas de Turismo.

O estudo traz alguns detalhes que ajudam a traçar o perfil do visitante, em mais de 70% dos casos do sexo masculino. A faixa etária predominante é extensa, variando de 25 aos 50 anos, e a renda média mensal individual não é desprezível, especialmente para os padrões da cidade: US\$ 3,7 mil. a afluência é maciçamente de europeus, tendo italianos e portugueses à frente, em 68% dos casos vêm exclusivamente em viagem de lazer, mais de 96% declaram intenção de voltar e 62% já têm o hábito de visitar a cidade regularmente.

No portal oficial de turismo da cidade, é possível identificar o *locus* físico preferencial:

[...] Os visitantes estrangeiros já fizeram de Ponta Negra seu território em Natal. Os turistas nacionais também a elegeram. E os natalenses observam a cena, orgulhosos. Ponta Negra não pára de ganhar novas opções de gastronomia e vida noturna. O aumento da demanda acabou favorecendo o surgimento de mais um pólo no bairro. Fica na rua Manuel de Araújo [amplamente conhecida, na cidade e por seus visitantes estrangeiros e nacionais, como rua do Salsa] e abrange algumas vias adjacentes, em área próxima das ladeiras que dão acesso à praia”.²

Esta pesquisa pretende historiar as possibilidades e faces de relações sexuais que sempre atraem e encantam os europeus que vêm à sua procura. É importante entendermos os conceitos morais e valorativos que permeiam essa profissão-situação na cidade de Natal e sua demanda. Nos últimos anos, relatos nos dão conta de uma composição social que vem se delineando em relações por tradição representadas pela moeda de troca da prostituição. Trata-se, na realidade, da constituição de lares com a dama eleita, em paralelo à manutenção da estrutura familiar no país de origem. Deste modo, este estrangeiro mantém sua base formal, socialmente irretocável, com esposa

1 Mestre em História da Ciência (PUC-SP), professora da Universidade Potiguar. stellagalvao@unp.br

2 <http://turismo.natal.rn.gov.br>



e filhos com biotipo compatível com seu país de origem, e cria a figura de um casulo, um ninho de luxúria no país tropical, que é visitado esporadicamente, com garantia de sexo pago não mais episodicamente, mas sob a forma de contas mensais geradas pela estrutura física do novo lar. Para Cantalice, o turismo emergiu como a contemporânea via de escape para realizar os desejos sexuais dos homens das nações centrais.

Os turistas sexuais fascinam-se com essa falta de nítidos marcadores que distingam entre uma relação íntima e uma transação comercial. Interditos comuns no mercado sexual como o beijo na boca, nos seios, o andar de mãos dadas e o descarte do uso de preservativos, algumas vezes não são encontrados nesses relacionamentos sexual-afetivos binacionais. (2009, p. 159)

Natal e a imagem no espelho do turismo internacional

A propaganda utilizada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) nos anos 70 e 80 enaltecia não só as belezas naturais, mas também a *sexualidade da mulher brasileira* os cartazes de divulgação, folders, filmes publicitários e a participação de congressos mundiais sobre turismo (Feijó, p. 2). Em contrapartida, em entrevista concedida em fevereiro/2010 ao portal Repórter Brasil, o então secretário estadual adjunto de Turismo Tulio Serejo afirmou que “esse tipo de turista [atraído pela oferta de sexo] não interessa para o Rio Grande do Norte”. E que o tema nem sequer deveria ser tratado no âmbito do órgão. “Nós não temos mecanismos de repressão. O que fazemos é tomar cuidado com a publicidade que não é focada na exposição das mulheres e adolescentes.” Lopes Júnior, na tese de doutorado “A Construção social da cidade do prazer”, diagnostica justamente o apelo prazeroso no material publicitário de divulgação do turismo em Natal, ao longo de uma década relativamente recente. “Se os materiais promocionais ainda fazem referência à qualidade do ar, tratado como sinônimo da qualidade de vida, esse é, agora, um elemento secundário. A sensualização da natureza litorânea com a identificação quase simultânea de praia com corpos femininos seminus foi a tônica da folheteria da indústria turística local desde meados dos anos 80 até o ano de 1995” (1997, p. 194). Nos anos seguintes, a discussão intensificada em torno do turismo sexual resultou em um “tratamento mais discreto dos corpos femininos”. Em depoimento obtido junto a um taxista que atua nas ruas em torno da área que concentra bares repletos de garotas e seus potenciais clientes. “Os gringos trazem grana de uma forma ou de outra. Eles movimentam a cidade, circula mais dinheiro e todo mundo fica feliz”. Lopes Junior alerta que “(...) uma rubrica como ‘mercado de serviços sexuais’ pode camuflar gramáticas sociais, moedas e



tipos de transações tão distintas que chegam, cada uma delas, a constituir mercados diferenciados e singulares” (p. 166).

Os estrangeiros que também movimentam o mercado imobiliário de Natal, fazendo negócios na cidade, vêm esporadicamente e ajudam a compor o universo de clientes. Jaqueline³ é uma dessas garotas atentas ao aspecto sazonal da atividade. Aos 21 anos, ela faz programa exclusivamente com europeus há três anos. Conta que a temporada de alta tem início no mês de agosto e cessa em março do ano seguinte. Neste período, que pode chegar a oito meses, ela fatura alto, em média R\$ 1 mil por noite. Na baixa estação, que corresponde aos demais meses do ano, a realidade muda drasticamente. É quando impera a busca ativa dos potenciais clientes, garimpados nos *sites* de empresas aéreas como a TAP que anunciam vôos charters para Natal. “Devido à crise financeira, os europeus que têm vindo ultimamente são holandeses e noruegueses. Antes, espanhóis, italianos e portugueses eram maioria, mas seus países sofreram muito com a crise”, entende Jaqueline, codinome Estrelina dado por clientes em homenagem a duas grandes estrelas tatuadas nos ombros. Na alta estação, ela permite-se escolher homens preferencialmente jovens, com silhueta mais longilínea, relógio ou sapatos indicadores da condição de barganha. De fato, conforme Elizabeth Bernstein (2008, p. 319), a frequência de homens relativamente jovens na relação com garotas de programa “parece desmentir que a indústria do sexo se dirige aos homens mais velhos que não conseguem encontrar parceiras.”

O afeto construído a partir da relação sexual

Em paralelo, Estrelina namora com um italiano de 30 anos que já foi seu cliente. Ele é da cidade de Carpi, próxima a Bologna. No primeiro semestre de 2010, Estrelina ficou um mês na cidade dele. Voltará até o final deste ano para nova temporada de *dolce far niente* e um pouco de romantismo. Um movimento que, sugere Elisabeth Bernstein (2008, p. 322), representaria “uma tensão entre o sexo como recreação [e trabalho remunerado] e o impulso normativo para um retorno ao sexo como romance”. Algo que, na perspectiva de Anthony Giddens (1993) cabe na terminologia “amor romântico”, a qual apreende o casamento, e por extensão a vida familiar, como estando fora do mundo das relações mercantis. Bernstein, retomando o fio condutor para relacionar a pulsão afetiva e dos corpos envolvidos em uma relação consentida e remunerada, lembra que o sexo (...) “livre dos limites da emoção e do romance, e a moldagem de comportamento erótico sem

3 Todos os nomes citados são fictícios e utilizados exclusivamente na noite.



ligações emocionais como ‘dependência’ patológica, são produtos dos mesmos lugares e tempo”. (2008, p. 323).

Aos 22 anos, Juliana, a Juju, era a típica amante de baladas e da vida noturna da cidade. Foi em uma noite agitada que conheceu um empresário português numa boate, que fez de Natal sua válvula de escape, uma localidade litorânea feita para o prazer e o desfrute. Uma cidade atraente, repleta de mulheres interessantes, com tipos físicos diferentes das europeias. Joaquim apaixonou-se por Juju depois de conhecê-la na noite, que se repetiu ao longo de muitas outras. O namoro engatou, mas ele teve que voltar aos negócios em seu país de origem. Juju, que trabalhava para pagar a faculdade, foi proibida de continuar pelo namoro ciumento. Então, ela tornou-se totalmente dependente dele financeiramente. Em troca, deveria oferecer dedicação, afeto e fidelidade e que ela estivesse disponível durante as visitas dele. O empresário bem sucedido vem a Natal uma vez a cada dois meses visitar a namorada, e permanece quinze dias no apartamento que comprou e mobiliou para ela, assegurando também a remessa mensal para cobrir as despesas. Na ausência dele, ela é monitorada constantemente pelas imagens geradas por um complexo de câmeras interligadas a um sistema informatizado, espécie de *big brother* com sinal por satélite.

(...) para que a dominação simbólica se estabeleça, é necessário que os dominados incorporem as estruturas segundo as quais os dominantes percebem que a submissão não é um ato da consciência, suscetível de ser compreendido dentro de uma lógica das limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa “cartesiana” que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência. (Bourdieu, 1998, p. 36).

Com a casa da namorada sob vigilância permanente, Joaquim acredita controlar as idas e vindas dela e assegurar domínio sobre a vida que ela leva à distância, com o oceano Atlântico se interpondo entre os amantes. Quando precisa sair, ela avisa o lugar onde irá, em companhia de quem, o tempo que permanecerá fora e outros detalhes exigidos por seu namorado controlador. Juju cochicha, com o olhar esperto de quem aprendeu a ludibriar vigilantes, que virou mestre em encontrar álibis para justificar, sem dramas, suas ausências. Inclusive para namorar. Outros, é claro. O relacionamento já dura três anos, sem maiores sobressaltos nem atraso no repasse dos valores para assegurar a dedicação de Juju ao seu namorado português. Ela se diz satisfeita: Estuda o que gosta, não precisa trabalhar e tem tudo o que materialmente necessita, com liberdade vigiada da qual escapa sempre para “dar uns beijinhos” pelos cantos da cidade.

Por tradição, o estrangeiro como cliente preferencial

Em Natal, a prostituição ganhou maior impulso nas décadas de 1940 e 1950, fato histórico determinado por outro de grande magnitude, a Segunda Guerra Mundial, com a cidade literalmente



invadida por contingentes das forças armadas norte-americanas. Na época, a elite local figurava entre a clientela assídua das casas de meretrizes, como eram então chamadas as profissionais do sexo. Naqueles anos, despontava o mítico e memorável “Cabaré de Maria Boa”. Como registra Franklin Jorge em um volume que recorta a cidade por meio dos seus personagens: “A cidade respirava uma atmosfera altamente sexualizada. Na verdade, era o grande negócio. Virgínia, Alaíde e Zezé eram as prostitutas mais famosas e requisitadas. As moças não queria namorar brasileiras. Passaram a usar saínhas curtas e a tomar coca-cola, a bebida da moda.” (2001, p. 126). Havia, ainda, o comentário generalizado nos bares da cidade, à época, de que “certos maridos alugava suas mulheres aos americanos e esta teria sido a origem de suas fortunas. As moças só queriam namorar os estrangeiros e isso era motivo de muita dissidência e mal-estar. Mesmo nos cabarés prevalecia essa preferência. A moeda era o dólar” (idem).

Aninha, 27 anos, é garota de programa com pelo menos dez anos de experiência no ramo, mesmo tempo de vida de seu único filho. Conheceu um espanhol, 45 anos, há quatro anos na inauguração de mais um bar na rua do Salsa, em Ponta Negra, zona Sul de Natal, leva uma vida estável e não se arrepende de estar na prostituição. Ele ajuda financeiramente a família dela que mora no interior do estado com R\$ 5 mil de “mesada”. Roupas também fazem parte dos gastos da mesada de Aninha.

[...] o encontro sexual mediado pelo mercado é moral e emocionalmente preferível em relação “ao caso amoroso não profissional”, em função do efeito dissipador de confusões do pagamento [...], assim, a verdadeira exploração reside muito mais na falta de honestidade emocional, característica do paradigma da sedução anterior ao mercado [...]. (Bernstein, 2008, p. 335)

O prazer situa-se em um epicentro sociocultural sujeito a controvérsias constantes por envolver diferentes patamares da vida em sociedade. A idéia do que é lícito e do seu oposto está permanentemente impregado de fatores culturais. A sexualidade desde sempre se apresentou em meio às questões de poder/saber, como assinala Foucault:

[...] se a repressão foi, desde a época clássica o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção das palavras, uma restituição do prazer real [...]. (1988, p. 11).

Os novos lares na dinâmica da prostituição local

Contraditoriamente, as histórias do sexo mediado pelo afeto que se lêem nos relatos das natalenses que transitam de uma situação a outra impõem algum estranhamento ao mero julgamento moral. A identificação social como profissional do sexo, à margem da moralidade, do pudor e da



categoria de “ser de família” termina sendo revista, nestes arranjos que se processam continuamente. Como aconteceu com Bianca, comerciária que se descobriu grávida do namorado há oito anos. Sem apoio do namorado e da família, a garota, então com 19 anos, começou a fazer programas durante a gestação. Quando o filho contava um ano de idade, ela recebeu o convite de um cliente italiano para coabitarem. Ele tinha o dobro da idade dela, era atencioso, pagava todas as contas e vivia na ponte aérea Natal-Roma-Milão.

Foram três anos de uma doce vida para a jovem mãe. Um dia, ela atendeu o celular que ele havia esquecido em casa, um ninho de conforto montado em Ponta Negra, começo, meio e fim. Era a esposa oficial, com quem o consorte de Bianca era compromissado já há uma década. Fim do romance e retorno à vida do dinheiro que ‘vem rápido’. Ressabiada, ela recusou outros convites e sonha agora em reunir uma soma que lhe garanta autonomia para outros vôos. Turismo, cafetinagem, comércio? Ela não entrega e nem revela a soma que tem em mente. Diz estar farta da fala fácil dos que se propõe a ‘tirá-la daquela vida’. Com o italiano, Bianca aprendeu a ser pragmática. Critica as colegas de ofício que topam com estrangeiros ‘bacanas’, o protótipo do ‘homem bom’, e na ausência deles voltam para a noite. Se há ressalvas e más experiências, não se pode negar as possibilidades concretas de romantização, como reforça Cantalice: “As mulheres brasileiras que se envolvem afetivo-sexualmente com gringos descrevem-nos, geralmente, como românticos, provedores, cortesões e ingênuos”. (2009, p. 174).

Trata-se, então, de uma sociedade que convive, ainda que precariamente, com mulheres que conseguem vivenciar as possibilidades de serem mães, esposas e prostitutas. Ainda que a prostituição siga pertencendo ao âmbito do ilícito, do prazer desvairado e sem controle. As mulheres, como alerta Bourdieu (1998), são tratadas como objetos ou como símbolos cujo sentido lhes está alheio e cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens. E esta é uma perspectiva do feminino enquanto gênero, não enquanto parceira sexual apenas. Para as garotas que ou se prostituem ou estão em busca de uma oportunidade pela via do sexo-afeto-prazer, a presença do ‘gringo’ cria uma perspectiva de redenção socioeconômica que poderá garantir-lhes a subsistência, o acesso a bens e a vida mais tranqüila. É uma realidade que se nutre de um estrangeiro disposto a saciar suas fantasias, e da garota que o enxerga como uma espécie de redentor financeiro, constata Lopes Júnior: “A expansão do turismo na cidade significou um alargamento das expectativas de relacionamento para as mulheres locais” (1997, P. 124).

Na perspectiva de Bourdieu, se o comércio do sexo segue sendo estigmatizado, deve-se ao fato de que a “vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada” (1998, p.



26). Assim, perceber a prostituição como uma espécie de equivalente da degradação das relações sociais significa manter a salvo e fora de questionamento a insustentável separação entre o mundo do “lar” e aquele do mercado, entre a intimidade e a transação econômica. Dessa forma, tudo se passa como se os intercâmbios econômicos fossem algo estranho ao exercício da “sexualidade legítima”. A “sexualidade sancionada”, cujo *script* recorrente é aquele do “amor romântico”, não exclui a violência simbólica da monetarização, nem esta última se traduz na eliminação das possibilidades subversivas de encontros e reconhecimento do (a) outro (a). Conforme Lopes Júnior:

O mercado matrimonial e o mercado de serviços sexuais (particularmente a prostituição) estão submetidos, ambos, às injunções do mesmo mercado de bens simbólicos (com suas ofertas e demandas de bens afirmativos dos projetos e identidades de gênero. (2005, p. 174)

Do ponto de vista do ‘colonizador europeu’, aquele que vêm e traz vontades e pulsões reprimidas, acrescidas à condição de ‘desenvolvido’, as garotas estão ao seu dispor, como prestadoras de serviços sexuais. Para elas, além de um trabalho, significa estar com um ‘gringo’ que poderá lhes oferecer possibilidades financeiras que garantam sua subsistência, seus gastos etc., constituindo uma dupla realidade, ainda que ambos busquem, afinal, a saciedade dos desejos.

Considerações finais

A pesquisa, a nosso ver, contempla um aspecto que no geral que escapa à maioria das análises envolvendo sexo, prazer, formas de poder e dominação envolvidas nas práticas da prostituição e dos relacionamentos que se estabelecem entre turistas europeus em visita à Natal-RN, a saber: a extrema diversidade no modo como se articula o mercado do sexo e dos relacionamentos afetivo-sexuais em contextos turísticos. A situação que nos coube investigar é a de lares constituídos a partir de relacionamentos fortuitos que se esgotariam em uma noite orgástica. De um lado, garotas que enxergam no europeu a figura do homem próspero, o ideal de provedor e mantenedor. Do outro, homens que aqui desembarcam em busca de conforto para suas pulsões sexuais e, eventualmente, imbuídos de desejos pelas nativas que se opõem em vários aspectos às mulheres que conhecem, detentoras de outros códigos sociais e culturais.

Torna-se evidente, então, que uma verdadeira compreensão da dinâmica dessas relações não perca de vista o campo vasto de representações que elas podem carregar. Prostituição não mais como apenas uma questão de sexo e dinheiro, mas de poder e subordinação. Ou, mais comumente, um acordo que institucionaliza o composto desejante-desejada-desejante. Não é raro, ao contrário, encontrarmos na cena social de um bairro litorâneo e turístico por excelência de Natal, mulheres



que passaram da condição de prostituta ou namorada fortuita para a de amante-esposa, esta entendida como formalismo ensejado pela constância do estar juntos, pelas cobranças de fidelidade dele, pela constituição de lares estruturados e integralmente mantidos.

Em Ponta Negra, a lógica do mercado de corpos que se engalfinham tendo o sol por testemunha, define o dinheiro como mediador privilegiado de relações que se estabelecem a todo o momento. O período que atrai mais turistas europeus, totalizando oito meses ao longo de um ano, é também uma rica seara de oportunidades enxergadas pelas garotas. Para eles, é tempo de compensar a rigidez dos códigos sociais com relações íntimas, erótico-afetivas. Para elas, é o momento de lançar-se em busca de uma autonomia financeira nem sempre bem sucedida porque sujeita às mesmas instabilidades das histórias tradicionais de vínculo afetivo. Se não vingar, sempre haver mais vôos, novas temporadas de alta estação e turistas fascinados com a falta de marcadores nítidos entre uma relação íntima e uma transa comercial. Curiosamente, a prostituição, socialmente mal vista por envolver a venda do corpo feminino para desfrute fora dos parâmetros convencionais do casamento, nesta realidade é tão somente uma etapa prévia da desejada estabilidade propiciada pelo amor romântico, sujeito a dependências de parte a parte.

Bibliografia

- BERNSTEIN, Elisabeth. *O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo*. Cadernos Pagu (31), julho-dezembro/2008:315-362.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CANTALICE, Tiago. *Feminismo, mercado de sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil*. Bagoas, nº 3, 2009:145-178.
- FEIJÓ, Fernando; CALAZANS, Flávio. *Marketing do turismo sexual no Brasil: o bastardo segmento do mercado de turismo*. 18 págs. Disponível em: <http://www.fernandofeiijo.com/imagem%20do%20brasil.pdf>. Acesso em 15/06/2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa. Prostituição em Cobacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- JORGE, Franklin. *O Spleen de Natal*. 2ª edição. Natal: Editora da UFRN, 2001.



LOPES JR., Edmilson. *Amor, sexo e dinheiro: uma interpretação sociológica do mercado de serviços sexuais*. *Política & Sociedade*, nº 6, abril/2005:165-193.

_____. *A construção social da cidade do prazer: Urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal-RN*. Tese de doutorado, Unicamp, 274 págs, 1997.

ZELIZER, Viviana. *Dinheiro, poder e sexo*. *Cadernos Pagu* (32), jan-junho/ 2009:135-157.

Estudo da Demanda Turística Internacional no período 2004-2008. Disponível em:
http://www.copa2014.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/internacional/download_internacional/Estudo_da_Demanda_Turxstica_Internacional_-_2004-2008.pdf
Acesso em 30/06/2010.

<http://turismo.natal.rn.gov.br> Acesso em 15/06/2010.

www.reporterbrasil.org.br Acesso em 26/06/2010.